

# A VIDA NOS DIAS

— FILIPE PAIXÃO —



## **A VIDA NOS DIAS**

Um dia nasci!

Neste momento, estou vivo!

Estas são as duas únicas certezas que neste momento possuo na vida.

As duas únicas afirmações que tenho como absolutamente certas e irrefutáveis.

Tudo o demais...

# A VIDA NOS DIAS

## CAPÍTULO 1.01

A manhã começara lentamente.

A luz caminhara até si com a melancolia do sabor de um beijo perdido no tempo. (E há tanto tempo que não sentia o sabor de um beijo... de um beijo longo, apreciado, saboreado, sentido... um Beijo!).

Dormia com a persiana aberta, por gostar que a luz entrasse no quarto, de mansinho, a acordá-lo com uma leve carícia no rosto. Gostava de acordar “juntamente com o mundo”, para acordar consigo próprio em pleno.

Era Agosto e o calor que se fazia sentir no ar penetrava-lhe os poros da pele, enchendo-lhe a alma e reconfortando-lhe o espírito.

Abrindo as portas da varanda do quarto, de olhos fechados, começava por fazer uma inspiração forte e profunda, absorvendo o início do dia de um só fôlego. A cor do dia, o sabor do ar, a humidade dos salpicos das ondas daquele mar que o olhava de frente e lhe embalava os

sentidos com o som das ondas a permanentemente tentarem a areia. Era sempre assim, primeiro acordava bem os sentidos e depois, só depois, tratava de se acordar a si próprio.

Abriu os olhos e começou por perscrutar o horizonte, abarcando o máximo que lhe era possível alcançar. (Tal como fazia com a vida, da qual gostava de se distanciar para obter o todo, procurando depois o pormenor enquadrado no contexto). Ao longe, por sobre o mar, uma fina lâmina de neblina demarcava a separação entre as águas e o etéreo, entre o real e o imaginário, entre esses dois mundos que o fascinavam, cada um na sua parte do dia: o Mar, enquanto o sol brilhava e no qual costumava mergulhar ao encontro de um mundo grande de silêncio, pleno de sentimentos únicos e solitários; e o Céu, quando era a lua que o tomava como seu reinado, e ele, sentado naquela mesma varanda, ficava horas a fio, apenas a observá-lo.

Não tinha grandes conhecimentos de astronomia, mas sabia de cor as cores, formas e até os caprichos da lua, quando com ele brincava às escondidas por entre as nuvens, ou na sua relativa proximidade com a terra, assumia proporções anormais, que o deixavam, por vezes, sem fôlego no primeiro olhar. A lua era a sua amante de muitas noites e ele mimava-a de todas as formas que lhe era possível, brindando-a sempre com um olhar, um pensamento e muitas vezes até um sorriso, antes de se embrenhar na tarefa de conseguir uma boa noite de sono.

Aquele era um dia que para si iria ser muito longo. Mas ele não o sabia. Aquele era um dia que iria mudar por completo a sua vida, a sua visão da realidade e até a ele próprio, suas crenças e convicções mais profundas. Mas ele não o sabia.

Aquele, para ele, naquele momento, era um dia como tantos outros e por isso, olhando o brilho que o sol lhe proporcionava, o pouco movimento que os sons da rua lhe traziam, e sobretudo atendendo à sua vontade de sempre, entrou no quarto, dirigiu-se ao armário

e dele retirou o seu equipamento (segunda pele, primeiro garante da protecção contra o ar em deslocação), as sapatilhas (fiéis companheiras dos desafios mais exigentes), o leitor de mp3 (impulsionador e precioso auxiliar, quer no seu controle, quer na sua abstracção do mundo) e o seu cronómetro (testemunha das suas jornadas e objectivos conseguidos). Após uma breve passagem pelo WC, estava pronto. Saiu para a rua.

Naquela pista, encarnada pelo largo passeio que, junto à orla, acompanhava a praia, com um leve toque no botão do seu cronómetro, deu início à sua corrida, a mais uma etapa a cumprir. O seu passo era marcado pela sua vontade. A sua respiração era controlada pela sua mente, com o auxílio precioso da música que soava nos seus ouvidos. Por isso, para o início, escolhia sempre uma música calma, pois calmos tinham de ser também os seus fluxos, de forma a controlar o ar que entrava e rapidamente pedia para sair dos seus pulmões. Após aquecer, mudava para um ritmo mais quente, pois quente estavam já também os seus músculos, toda a sua pele e pensamentos, e para o final, mudava para ritmos rápidos, entusiasmantes, que o impulsionavam para a frente, sempre para a frente, que o levavam de forma rápida até à meta, à sua meta, aquela que ele próprio estipulara, pois desistir não fazia parte da sua existência e o mais, o mais longe, o mais rápido, o mais de si, o mais de tudo, era a sua forma de estar na vida; para consigo e para com os outros.

E assim, assim ele nunca era o que queria, nunca se tinha como um objectivo alcançado ou realizado. Ele era um eterno projecto de si, sempre em desenvolvimento, sempre em crescimento, sempre em evolução constante e permanente e era assim, assim mesmo que levava todos os que o rodeavam, tal como na corrida as pernas o levavam a ele, num ritmo sempre constante, persistente, chegando por vezes até a roçar o obsessivo, tal era a sua ânsia, a sua determinação por conseguir o objectivo, para que depois (por vezes apenas por isso) o pudesse ultrapassar.

E tal como na sua jornada pelo passar dos dias, nas suas corridas, a sua mente abria-se e os pensamentos corriam a um ritmo mais elevado que o dele. Ele era um só a avançar pela pista, a avançar pelo mundo. O seu corpo era um mecanismo em que todas as peças trabalhavam em conjunto, mas a sua mente, essa era um mundo dentro de si próprio, um mundo que raramente mostrava para o exterior, um mundo onde o ritmo era de tal forma elevado, onde a corrente dos pensamentos era tão forte que ele, sequer, tinha a pretensão de alguma vez a conseguir controlar. Também não o queria, era um facto. Com o decorrer dos anos e com a vida a acontecer, foi aprendendo a conviver com ela e com o seu ritmo, aprendendo a forma de dela retirar os melhores frutos, deixando-a correr livremente, usando-o a ele como veículo, como meio e como albergue para poder existir.

O sol olhava-o lá de cima com a atenção de sempre.

O ar continuava a entrar e a sair de si, sem que o procurasse por permissão ou sequer vontade, chegando a arranhá-lo no caminho que percorria;

O seu corpo latejava em unísono ao ritmo da batida dos calcanhares de encontro ao solo, que lhe provocavam uma dor electrizante que terminava no interior da sua cabeça;

O seu cronómetro indicava que o tempo determinado para a corrida havia sido atingido;

O caminho que se havia proposto fazer, chegara ao final;

E ele... decidiu fazer mais 1 Km!

Aquele era um dia que iria ser muito longo. Mas ele não o sabia.

Chegado a casa, iniciou o seu ritual diário: abriu todas as persianas para a casa crescer com a luz do dia e colocou um CD, para que a música enchesse todos os espaços, todos os silêncios.

Adquirira estes hábitos desde que ficara a viver sozinho, quando a sua mulher o deixara e levava consigo os 3 filhos, após ter autónoma e unilateralmente concluído que os pontos em comum que durante tantos anos os unira, se haviam desvanecido e perdido o seu significado.

*“Não te preocupes. Vais ultrapassar isto. É do mais normal nos dias de hoje”*

Foi o que todos lhe disseram.

*“Depressa te habituas e depois, não queres é voltar a viver acompanhado.”*

Era opinião generalizada, quase que recitada em unísono.

Mas o que todos não disseram, para o que todos não o prepararam foi para “aquele” silêncio, para aquela casa absolutamente estagnada, parada no tempo, com reminiscências a uma época, em que a vida

banhava cada divisão, inundava o ar e extravasava para a noite. Primeiro fora a companhia da sua mulher, que tornara todos os sons plurais e os silêncios remanescentes, autênticas melodias suspensas. Depois foram os filhos que, com os seus sons, rompiam todos os momentos com os barulhos inesperados e com a quase gasta palavra “papá”, que tantas vezes o cansara ouvi-la e que agora... (agora tanto ansiava por ouvir, chegando nos primeiros tempos, pela força da sua imaginação, a ouvi-la vezes e vezes sem conta.)

Se a música já fazia parte do seu dia-a-dia enquanto conduzia e trabalhava, passou a fazê-lo também em todos os outros momentos, pois só assim conseguia atenuar o barulho ensurdecido do silêncio, que se arrastava por todas as paredes, que ecoava de todos os recantos da sua pequena enorme casa, nua, despida de sons, despida de movimentos, despida de tudo o que existia para além de si próprio, com os seus únicos movimentos, com os seus próprios sons, que lhe soavam sempre e invariavelmente tão monocromáticos e que na sua mente, no seu pensamento, adquiriam impedância máxima, tornando-o numa caixa fechada, de ecos permanentes, de sons inesgotavelmente longos, agudos, dilacerantes. Os sons de si, os sons do seu pensamento e silêncio, tinham a capacidade de o levar a experiências extremas de dor, conseguindo tantas vezes prostrá-lo numa apatia de ser, sem que a vontade fosse maior que a razão, sem que a força fosse superior... à solidão.

E foi na companhia de uma música suave, enquanto a água lhe corria pelas costas percorrendo o seu tronco numa massagem relaxante, que iniciou os pensamentos concretos para o planeamento do seu dia. Aquele dia que para ele iria ser tão longo, mas que ele ainda não o sabia.

Era sexta-feira e como em todas as sextas-feiras acontecia, como um ritual desde que ficara sozinho, iria jantar a casa dos seus amigos de longa data, amigos de mais de uma dezena de anos com os quais

se associara, para constituir aquilo que era a empresa em que todos trabalhavam até aos dias de hoje. E por ser a primeira semana do mês, cabia-lhe a ele confeccionar o jantar e levar o vinho. Já decidira que iria fazer o seu famoso arroz de pato, para o que já havia encomendado o pato, naquele estabelecimento de produtos de caça, no qual conseguira também, como cliente regular que era, que lhe arranjasse aquele chouriço e queijo das beiras e no qual teria de passar à hora do almoço. Faltava-lhe o vinho, mas nada que um telefonema não resolvesse de forma a conseguir levar consigo um bom tinto alentejano, complemento perfeito para aquele seu prato de eleição.

Mas era sexta-feira, dia de reunião de produção e ele, como responsável da área, iria estar com a sua atenção e sentidos todos voltados para o trabalho e por isso, iria necessitar de pedir ao motorista da empresa para lá passar a levantar tudo, pois essas reuniões não tinham horas para terminar e muitas das vezes prolongavam-se para lá da hora do almoço. E este, saberia mais tarde, seria o primeiro ponto responsável pelo prolongar do seu dia.

Com a organização mental do seu dia já devidamente estruturada e a sua higiene pessoal concluída, vestiu-se e preparou o seu pequeno-almoço, que rapidamente tomou, tendo depois saído para a sua visita diária àquele bar, sobranceiro à praia, onde diariamente tomava o seu café, olhando o mar, saboreando em conjunto com cada golo de café, o ruído de cada onda que se desfazia na praia, o salpico de cada vaporização de água salgada trazida pela brisa, a inalação do odor a iodo solto por cada roçar da água de encontro às pedras, tudo isto embrenhado em conjunto com os seus sempre múltiplos e contínuos pensamentos sobre si, sobre a sua vida, sobre tudo e sobre nada em concreto. Esta fora a forma que conseguira para preencher o vazio de não ter de levar os filhos ao colégio todos os dias de manhã. Fora a forma de tentar colmatar a falta daquelas vozes no banco de trás, daquelas mãozinhas dadas com as suas à saída do carro, daqueles

bracinhos a apertarem-lhe o pescoço na despedida com um beijinho, do toque daquela pele tão macia, com uma textura e odores tão próprios, que reconhecia como sendo tão seus, que tanta falta agora lhe faziam e que estavam na origem de começar cada dia com uma enorme sensação de falta. De vazio.

Demorou-se um pouco mais pelo café do que era habitual. Por vezes a mente divaga mais do que pode (ou deve) e o tempo ganha uma dimensão estranha, muito própria e muito inferior à sua, e é quando olhamos para o relógio que nos apercebemos de que numa fracção de hora vivemos, uma vez mais toda uma vida, todas as grandes dores, com todos os pequenos pormenores de cada uma delas. A nostalgia não era o seu estado de eleição, mas as manhãs e o fim das noites quase só existiam para ela. Era praticamente inevitável.

## A VIDA NOS DIAS

### CAPÍTULO 1.03

Ia já no carro quando o corte do som do rádio anunciou a chegada de uma chamada que tentavam estabelecer. Olhou o painel e viu o nome. Margarida. Aquele nome sempre lhe paralisava os sentidos e acelerava o batimento cardíaco.

*O que seria?*

*Qual seria o motivo da chamada?*

*Será que algo se passava com as filhas?*

*Qual seria o problema desta vez?*

E estes eram invariavelmente os pensamentos que em catadupa o atingiam sempre que, olhando o visor, vislumbrava este nome. Aquele nome, que inicialmente lhe soava tão bem, sempre tão melodioso e que agora... agora lhe trazia um misto de nostalgia, dor e ressentimento.

Lembrava-se bem que nem sempre fora aquele o nome com que a identificara.

Apenas durante as primeiras semanas de namoro o utilizara. Apenas

durante aquele curto espaço de tempo ele tinha feito sentido para si próprio. Apenas enquanto o simples pronunciar daquelas sílabas em pensamento se traduzia numa melodia de sentires, capaz de o elevar até ao mais alto ponto do Olimpo, revolver-lhe as entranhas e arrepiar-lhe os sentidos.

Mas em apenas poucas semanas ele tornara-se insuficiente. Em poucas semanas ele passara a ser ínfimo para ser por si só o desígnio daquele tão grande sentir, como era o Amor que os unia. E então, “My Love” foi o nome que lhe atribuíra na sua lista de contactos, pois era também desta forma que a tratava directamente. Num tempo que lhe era agora tão longínquo. Num tempo que fazia tão definitivamente parte do seu passado, tão distante, tão... marcado em si.

E haviam sido muitos os anos durante os quais a tratara assim. Mesmo durante aqueles 4 anos que estivera “desaparecida”, que o deixara pendurado, agarrado à esperança que o simples bilhete que lhe deixara, (único — e praticamente nenhum — sinal da sua decisão) contivesse em si próprio o único fio de esperança, sustento da sua própria lucidez como homem. Apenas uns meses após ela o ter deixado pela segunda vez na história (tão atribulada) daquela relação, ele decidira alterá-lo.

Aliás, esta atitude constituíra para ele a derradeira fronteira, o acto final do assumir do término daquela que havia sido a sua verdadeira, a real relação da sua vida.

E agora, sempre que o nome surgia no pequeno visor do seu telemóvel, ao invés do calor no corpo, do encher do peito, do formigar sob a primeira camada da sua pele, ao invés disso, era um arrepio que sempre o invadia e uma angústia que tomava conta do seu ser.

*Margarida. O que quererá ela?*

Inspirando fundo, tomando fôlego e segurando a voz para que não deixasse transparecer nada mais que uma artificial e inexistente normalidade naquele acto, lá se decidiu a pressionar o botão verde.

— “*Estou?*”

— “*Olá. Sou eu.*”

(como se tudo estivesse bem como sempre. Como se a normalidade fosse o factor dominante dos dias de ambos e enquanto casal. Como se... nada se tivesse passado. Como se — como por vezes fazia quando juntos — estivesse a telefonar a perguntar o que queria que fizesse para o jantar, com o único propósito de o provocar, questionando-lhe de seguida como queria que ela o servisse: se de roupão — sem mais nada por baixo — ou simplesmente... sem roupão.)

— “*Olá Margarida. Tudo bem?*”

(como se alguma vez nos dias de hoje, ela lhe telefonasse se estivesse tudo bem. Como se ela lhe telefonasse para algo mais do que comunicar que uma das filhas estava doente e por isso ele teria de ir com ela ao médico enquanto ela ficava com as outras duas em casa, ou para o “informar” que iria passar mais tarde em casa dele a deixá-las, por necessitar de “estar livre” naquela noite — indiciando mais uma aventura, que só contribuía para o deixar uma vez mais fechado em si mesmo, embrenhado nos seus pensamentos, remoendo dores antigas, lambendo feridas que deveriam estar já mais que cicatrizadas, mas que ainda nem o sangue haviam coagulado para conseguir estancar a hemorragia.)

— “*Está tudo bem. Precisava falar contigo. Almoçamos juntos hoje?*”

(Pronto! Como se ela não soubesse que as minhas sextas-feiras são uma correria, um autêntico sufoco. Como se eu tivesse de estar sempre disponível para ela. Como se agora eu pudesse alterar TODO O MEU DIA só porque ela quer falar comigo! E provavelmente, para ouvir uma vez mais uma série de patacoadas que já estou farto de ouvir...)



— “Sabes como são as minhas sextas-feiras... sabes que são dias *MUITO complicados...*”

(É claro que sabes... É claro que estás fartinha de saber... Só que isso para ti não interessa. Tudo o que colida com os teus interesses não importa. Foi sempre assim! Sempre pensaste a tua vida, a nossa vida, em prol dos teus interesses, das tuas actividades e de tal forma, que nem sequer te questionaste se eu estaria de acordo. Mais! Incorporavas de tal forma essa tua postura, que chegavas mesmo a pensar que os TEUS interesses, eram os NOSSOS interesses. E nem procuravas saber sobre os meus reais interesses...)

— “Eu sei... Mas precisava *MESMO* de falar contigo... Vá lá... Olha que vais gostar do que eu tenho para te dizer...”

(Pronto! Já está! Era mesmo isto que faltava: a estratégia dupla! A cedência pelo apelo à necessidade dela, junto com o atizar da curiosidade. Receita infalível em tempos idos, mas agora... Porra! Agora também! Ainda também!)

— “Mas tem de ser muito rápido!”

(Como se eu quisesse que fosse rápido. Como se o que eu mais quisesse não fosse que me resgatassem da realidade e me levasses contigo, para um qualquer lado, longe do mundo, para ficarmos só nós os dois... Como se — inexplicavelmente — ao fim de todo este tempo, eu não continuasse a querer-te, a desejar-te, a ti, o meu maior e único vício.)

— “Prometo que não demoro. No sítio do costume. Às 13:00. Adeus!”

(E antes que eu pudesse dizer algo mais, antes que lhe pudesse dizer que a essa hora não me era possível, antes que lhe pedisse para pelo menos desta vez não se atrasar, antes que lhe desse a entender pelo meu simples tom de voz o quão ansioso fiquei pelo chegar daquela hora... simplesmente... desligou.)

*O que queria ela? Porquê tanta urgência?*

A resposta a estas perguntas era algo que definitivamente teria de esperar pela hora do almoço para obter.

Assim que entrou na empresa, começou com a correria de assuntos do costume das sextas-feiras, ocupou a mente com todos os assuntos possíveis mas aquela sombra... aquela sombra esteve sempre presente. Era imperceptível mas... estava lá. Esteve sempre lá.

A manhã passou a correr e as 13:00 chegaram num ápice.

Os ponteiros do relógio do trabalho foram demasiado rápidos a avançar na direcção daquela hora, mas nos ponteiros do relógio do seu sentir... foi uma eternidade. Uma eternidade martirizadora, uma eternidade lenta, uma eternidade muito, mas muito pesada.

E o tempo era tanto e o tempo era tão pouco. Já atrasado, saiu a correr. Conduziu rápido em direcção ao restaurante. Aquele restaurante, onde costumavam almoçar quando ainda juntos, quando ainda eram um, quando mesmo sem ele saber, esse um recomeçava a ganhar contornos de, de novo, dois.

Ficava um pouco longe. Tinha um caminho ainda relativamente grande a percorrer. Aquele lugar fora escolhido na altura por ficar perto do local onde ela trabalhava e por isso, “ser melhor” (segundo ela, claro).

Quando chegou (20 minutos após o combinado), procurou no horizonte de mesas por sua figura, mas não a encontrou. Não era possível que ele se tivesse atrasado e ela tivesse ido embora. Também... já passara tempo suficiente para fazer face aos seus “atrasos característicos”. Resignado e preocupado (pois o tempo de que dispunha era parco), lá se sentou na mesa de sempre, no lugar de sempre, junto à janela da qual se podia ver o parque de estacionamento, na contínua espera e esperança de ver o carro dela a chegar.

Não pediu nada para comer, pois ela deveria chegar a qualquer momento.

Durante aquela infinidade de momentos, passou pelo olhar da sua memória alguns (tantos) dos momentos que vivera com ela ali naquele mesmo lugar. Fora ali que a conhecera verdadeiramente. Com os olhos foi-se apercebendo de cada pormenor da sua fisionomia; desde os dedos compridos e finos (de que tanto gostava), o traço fino dos lábios que lhe delineava a boca quando a mantinha fechada por algum tempo (que o deixava absolutamente deliciado), a forma como enrolava no dedo a ponta do cabelo fazendo círculos no ar (que lhe dava gozo aperceber-se do seu alheamento) e atirava o seu olhar para longe quando embrenhada nos seus pensamentos, que habitualmente apenas a ela pertenciam, sem que os deixasse de ânimo leve transparecer para o exterior; passando pelos seus olhos, esses que de tão grandes, tão brilhantes, tão expressivos pareciam querer absorvê-lo por inteiro de cada vez que fixamente o olhava, como que desafiando-o a desviar primeiro o olhar e ele insistia em permanecer com o seu, fixo, forçando-a no final a ser ela a desistir; até à cadência do movimento do peito pelo seu respirar, que ele ficara a conhecer com pormenor, ao ponto de conseguir aferir o seu próprio estado de espírito mesmo no meio do silêncio.

Muito do ser da Margarida ele conhecera ali.

Inclusive o amargo de o deixar suspenso, sem um telefonema, uma mensagem, um qualquer sinal, quando não podendo estar presente como combinado, chegava mais tarde, muito mais tarde, ou simplesmente não aparecia, deixando-o suspenso no tempo, deixando-o suspenso sobre si mesmo.

E ele não conseguia resistir a alongar mais um pouco a espera, a ir sempre para lá dos limites do razoável e muitas das vezes, do possível. Como acontecia naquele momento.

Não pedira nada para almoçar para aguardar por ela. Já estava para lá da hora do retomar dos trabalhos e não havia sequer almoçado. E da Margarida... nem sinal. E naquele momento, teve início mais

uma luta interior travada entre a sua vontade e a sua razão, a dúvida entre o normal, o razoável e o próprio absurdo (que no final não era dúvida, no final nunca era dúvida); a luta entre a sua dignidade e o seu sentir; a eterna guerra que dentro de si se travava entre o emocional e o racional.

Não podia aguardar mais. Já deveria ter saído e não havia sequer almoçado. Tinha de ir embora. Sabia que já devia ter ido embora. Mas a dúvida sobre o motivo pelo qual ela o chamara, corroía-o por dentro, expunha-lhe as entranhas ao olhar cru de si sobre si mesmo e causava-lhe a dor de uma revolta muda pelo que de tanto ainda retinha dela no mais interior de si.

E o tempo avançava sobre o relógio. O relógio em que os ponteiros eram demasiado rápidos para a sua dúvida sobre os motivos. Demasiado rápidos para a sua obrigação com o trabalho. Demasiado rápidos para a sua obrigação para consigo mesmo enquanto pessoa. Demasiado rápidos para a sua obrigação para consigo mesmo enquanto homem. E no peito um bater. E no peito um bater acelerado de uma ânsia que tinha vindo a crescer com o correr dos ponteiros, que tinha vindo a crescer a cada olhar para o pequeno ecrã do telemóvel, que permanecia preto, que tinha vindo a crescer a cada ausência de um sinal dela, de uma chamada, de uma sms, de uma tentativa de contacto, uma simples informação de que viria mais tarde, ou simplesmente não viria. E no peito a ânsia. E nas veias um calor. E nos dedos uma impaciência. Uma impaciência que os apertava de encontro ao interior das mãos, que os fazia tarimbar sobre o tampo da mesa, que os fazia esfregar-se uns nos outros, que lhe acelerava o ritmo, que lhe tornava a ânsia maior, que o agastava enquanto ser humano, que o agastava enquanto ser homem.

E no momento em que a razão se elevou num grito de raiva para o interior de si, decidiu que não iria esperar mais. E embora a questão da dúvida permanecesse, embora a sua curiosidade fosse por demais maior, embora soubesse no mais íntimo de si que essa mesma dúvida

iria ficar a corroê-lo no seu interior, a agastá-lo durante todo o tempo, a diminuí-lo perante si próprio, a fazê-lo um ser pequeno aos seus próprios olhos... levantou-se... e saiu.

E aquele dia, que ele não sabia, começava a alongar-se. A alongar-se para um tempo que transbordaria até as fronteiras do próprio dia.

E a viagem de regresso ao escritório foi feita num jogo de stresses. Foi feita no stress pela pressa no chegar. Foi feita no stress pela raiva que sentia no momento (não por ela, mas pelo que ele ainda fazia por ela). Foi feita no stress do desrespeito de saber os seus funcionários à sua espera. Foi feita no stress de saber que nunca deveria ter concordado com aquele almoço que não ocorreu. No stress de ter uma vez mais ido de encontro a si mesmo, chocado com as suas convicções pessoais e profissionais. No stress de se ter anulado, se ter diminuído uma vez mais perante ela.

E era naqueles momentos, naqueles precisos momentos, que sentia aquela sensação estranha, aquela sensação estúpida, aquela sensação absurda que tanto repudiava de, momentaneamente, não gostar de si mesmo.

E no momento não havia nada. Não havia a música, não havia o clima, não havia o tempo dos relógios, não havia o sol, não havia as pessoas, não havia as suas sombras, nem as sombras das coisas que permaneciam estáticas, não havia sequer a dimensão do espaço para além daquele que o separava do escritório. Havia apenas chão. Chão a percorrer. Chão a vencer no tempo. Chão a fazer menos. O chão a ecoar cada um dos seus centímetros nos seus pensamentos e auto comiseração.

E foi neste estado que, com os olhos no chão, entrou primeiro no parque de estacionamento, depois no elevador, depois no escritório e, por fim, na sala de reuniões, onde o grupo de trabalho se encontrava

já desde há muito reunido, apenas aguardando (admirados com o seu atraso) pela sua chegada.

— *“Peço desculpa pelo meu atraso...”*

(...pelo meu atraso mental! Era o que eu vos deveria estar dizer...)

— *“...podemos continuar.”*

(eu é que não posso continuar assim!)

E os pontos foram correndo, a agenda foi-se alongando, os assuntos foram-se multiplicando uns pelos outros, num processo contínuo, numa quase normalidade, e foi apenas quando um dos colaboradores lembrou que já passava praticamente 1 hora da hora da pausa para o café, que ele se lembrou! Que ele se lembrou que não tinha providenciado as coisas para o jantar. Que ele se lembrou que não tinha sequer almoçado. E uma vez mais sentiu a voz da revolta para consigo mesmo, dentro de si.

Após todos terem saído em direcção à sala do café, pegou no telefone e ligou o número da extensão da sua secretária.

**NÃO EXISTE UMA SÓ VERDADE.  
A VERDADE É O SOMATÓRIO  
DE MÚLTIPLAS REALIDADES.**

**POR VEZES,  
SEGUEM CAMINHOS SEPARADOS,  
EVENTUALMENTE ATÉ PARALELOS,  
SEM NUNCA SE TOCAREM.**

**NÃO EXISTE UMA SÓ VERDADE.  
EXISTEM PELO MENOS TANTAS  
QUANTOS OS INTERVENIENTES.**

---

“ Uma escrita ágil mas belíssima, eivada de momentos de verdadeira poesia. Ao ler este livro fui levada a percorrer intrincados caminhos de emoções, sentimentos e fortes paixões. O autor brinda-nos, mais uma vez, com uma prosa reveladora de uma sensibilidade apurada bem como de uma aprimorada forma de esgrimir os sentires e as palavras que os revelam. Uma leitura que vicia.”

Celeste Pereira